

Móviles

Definição

A origem latina do termo *móvil* remete à ideia de "móvil", "movimento". Nas artes visuais, a noção é empregada para nomear esculturas, em geral abstratas, compostas de materiais leves, suspensos no espaço por meio de fios. As peças, movimentadas pelo ar, se caracterizam pelo equilíbrio, leveza e harmonia. Em 1932, Marcel Duchamp (1887 - 1968) usa a palavra *móviles* para fazer referência a algumas esculturas do norte-americano Alexander Calder (1898 - 1976). Os trabalhos são formados por placas planas de metal, algumas pintadas, equilibradas em fios de arame fino que as mantinham suspensas. Os *móviles* movem-se ao sabor da aragem mais suave, produzindo efeitos mutáveis em função da luz.

Formado em engenharia mecânica - o que explica o seu interesse precoce pela pesquisa dos materiais e pelas máquinas -, Calder, em seus primeiros trabalhos como pintor, se destaca pela habilidade em passar a ideia de movimento usando uma única linha. Em seguida, começa a construir esculturas de arame, a primeira delas um relógio solar com a forma de galo, datada de 1925. Dois anos depois, atua como projetista de brinquedos móveis para a Gould Manufacturing Company. Nos anos 1930, já conhecido por seus retratos e, sobretudo, por suas esculturas de arame, passa a integrar o grupo Abstraction-Création, no qual se lança no abstracionismo.

As pesquisas abstratas de Calder se beneficiam da abstração geométrica de Piet Mondrian (1872 - 1944), cujo ateliê ele visita em 1930. A ambição de Calder é levar a construção abstrata para o espaço, o que o leva a definir seus trabalhos como "Mondrian móveis", embora a influência de Joán Miró sobre seus *móviles* seja evidente. A nova plasticidade na pintura, sistematizada por Mondrian e Theo van Doesburg (1883 - 1931) - a recusa do espaço pictórico tridimensional, da linha curva, da modelagem, das texturas e da ideia de arte como representação -, tem impacto decisivo nas construções de Calder, na predileção de suas peças pelas cores primárias e, sobretudo, pela ênfase na relação entre os elementos da composição.

Se Calder, como Mondrian, também anseia por uma arte que siga as leis matemáticas, para ele esta não poderia ser estática, mas dotada de movimento, como o próprio universo. O dadaísmo de Duchamp e Francis Picabia (1879 - 1953), que a partir de 1920 constroem obras mecânicas, destituídas de qualquer sentido de utilidade, é considerada uma das matrizes dos *móviles* de Calder, assim como as preocupações com a introdução do movimento na arte anunciada, por exemplo, no *Manifesto Realista* de Antoine Pevsner (1886 - 1962) e Naum Gabo (1890 - 1977) e em de László Moholy-Nagy (1895 - 1946).

Os *móviles* de Calder antecipam a arte cinética, como categoria artística toma o movimento como princípio de estruturação. O cinétismo rompe com a condição estática da pintura, apresentando a obra como um objeto móvel, que não apenas traduz ou representa o movimento, mas que está em movimento. Nas peças móveis de Calder, por exemplo, o movimento independe da posição e do olhar do observador. A este cabe contemplar o movimento inscrito nas obras, "desenhos quadridimensionais", como ele os define. Até os anos 1970, Calder cria grande quantidade de *móviles* - alguns motorizados outros não - de várias dimensões.

Algumas de suas peças ocupam espaços públicos, como o Vermelho, Negro e Azul (1967), no aeroporto de Dallas, Estados Unidos. Com base no seu emprego nos anos de 1930, o uso do termo móbile se generaliza denominando outras obras de mesmo tipo. Experimentos com móveis são realizados por diversos artistas do século XX, entre eles o escultor inglês Lynn Chadwick (1914). A partir da segunda metade do século, os móveis popularizam-se como objetos de decoração de interiores, perdendo a conotação originalmente dada por Calder.

O Brasil conhece de perto a obra de Calder, em 1949, por meio de uma individual do artista realizada no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp) -, mostra que, ao lado de outras do mesmo período, tem impacto decisivo no desenvolvimento das tendências abstracionistas entre nós. No entanto, parece difícil localizar artistas mais diretamente ligados à criação de móveis no país o que não impede de relacionar alguns nomes que trabalham o movimento na arte.

O movimento ótico dos relevos de Sérgio de Camargo (1930 - 1990), as transformações dos bichos manipuláveis de Lygia Clark (1920 - 1988) e a "fragilidade e energia" das *droguinhas* de Mira Schendel (1919 - 1988) fazem uso da "linguagem do movimento" tal como utilizada na arte contemporânea, diferenciando-se assim da arte cinética tradicional.

Fonte: www.itaucultural.org.br

Alexander Calder

Escultor norte-americano, Alexander Calder nasceu a 22 de Julho de 1898, em Lawnton, na Pensilvânia e morreu em 1975, em Nova Iorque. O pai era o pintor Alexander Stirling Calder.

Viveu em São Francisco e em Nova Iorque e, em 1915, deslocou-se para New Jersey, onde frequentou o Stevens Institute of Technology, tendo obtido o diploma quatro anos mais tarde. Em 1923 e 1924 estudou no Art Students League de Nova Iorque, partindo depois, durante um ano para Paris.

Realizou a primeira exposição em 1928, em Nova Iorque e, no ano seguinte, apresentou em Paris um conjunto de esculturas em madeira. Em 1932, Calder construiu uma escultura formada por elementos suspensos por fios que se equilibravam mutuamente, obra que marcou definitivamente uma viragem na sua obra artística. O artista dadaísta Marcel Duchamp designou-a por *mobile*.

Nos *mobiles*, os elementos de metal colorido suspensos balanceiam-se delicadamente em círculos, movidos pela deslocação do ar, em velocidades várias e direções diferentes. É possível identificar nestes trabalhos a influência da pintura de Mondrian, na qual os elementos de cor parecem suspensos no espaço bidimensional da tela.

A exploração do movimento real enquanto elemento primordial na produção criativa faz destes trabalhos exemplos de Arte Cinética. Um dos mais interessantes *mobiles* que construiu, "*Covo de Lagosta e Cauda de Peixe*", data de 1939. A escala e dimensão destas esculturas variam bastante, podendo chegar aos cinco metros, como é o caso do *mobile* executado para o Aeroporto JFK, em Nova Iorque.

Posteriormente desenvolveu uma série de esculturas designadas "*stables*" que diferem das anteriores por estarem apoiadas no solo. Estes objetos são compostos por

elementos simples, normalmente em metal, pintados com cores puras e intensas, transmitindo um forte sentido dinâmico na justaposição das formas e da cor. Exemplo deste período criativo são as esculturas "Sémaphore", de 1959, "La Vache Noire", de 1970 e "Obus", de 1972.

Realizou ainda uma série de desenhos e pinturas com guache, como, por exemplo, o desenho "Aix", datado de 1953.



Totem, n.d. Painted metal, 105 x 109 inches



Untitled, 1963 15.5 x 18 x 14.75 Inches



The Star, (1960) via [UK](#)

Como referenciar este artigo:

Alexander Calder. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-01-19].

D
i
s
p
o
n
í
v